

EDUCAÇÃO

V.8 • N.3 • 2020 - Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3828

ISSN Impresso: 2316-333X

DOI: 10.17564/2316-3828.2020v8n3p218-230



EM TEMPOS DE CIBERCULTURA, UM PORTAL À MEMÓRIA INSTITUCIONAL

IN TIMES OF CYBERCULTURE, A PORTAL TO INSTITUTIONAL MEMORY

EN TIEMPOS DE CIBERCULTURA, UN PORTAL DE ACCESO A LA MEMORIA INSTITUCIONAL

Francisco das Chagas Silva Souza¹
Olívia Moraes de Medeiros Neta²

RESUMO

Diante da popularização da informática, a cibercultura, ou seja, a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais, emerge como uma nova forma de guarda. Neste sentido, o artigo visa compreender o Portal da Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) como um lugar de memória institucional. Para tanto, tomamos à análise elementos presentes no Portal, entendendo-os como fontes e os relacionamos com possíveis temas de estudo em história da educação profissional. História das instituições educativas, cultura escolar, currículo e organização escolar, arquitetura e cultura material escolar e sociabilidades constituíram-se como temas possíveis de investigação a partir do Portal da Memória do IFRN. Nesses termos, destacamos que as fontes presentes no Portal da Memória não falam *per se*, mas que essas trazem ao Portal a possibilidade de acesso às dimensões da história e da memória da educação institucional. Por isso, o Portal da Memória em sua dimensão da cibercultura é um portal à memória institucional do IFRN.

PALAVRAS-CHAVE

Cibercultura. Memória. História da Educação.

ABSTRACT

Faced with the popularization of information technology, cyberculture, that is, contemporary culture structured by the use of digital technologies, emerges as a new form of guard. In this sense, this article aims to understand the Memory Portal of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte (IFRN) as a place of institutional memory. Therefore, we analyzed the elements present in the Portal, understanding them as sources and related them to possible topics of study in the history of professional education. History of educational institutions, school culture, curriculum and school organization, architecture and school material culture and sociabilities have constituted as possible topics of investigation from the Memory Portal of the IFRN. In these terms, we emphasize that the sources present in the Memory Portal do not speak for themselves, but that they bring to the Portal the possibility of access to the dimensions of the history and memory of institutional education. Therefore, the Portal of Memory in its dimension of cyberculture is a portal to the institutional memory of the IFRN.

KEYWORDS

Cyberculture. Memory. History of Education.

RESUMEN

Delante de la popularización de la informática, la cibercultura, o sea, la cultura contemporánea estructurada por el uso de las tecnologías digitales, emerge como una nueva forma de guarda. En este sentido, el artículo visa comprender el Portal de la Memoria del Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) como un lugar de memoria institucional. Para tanto, tomamos para análisis elementos presentes en el Portal, comprendiéndolos como fuentes y los relacionamos con posibles temas de estudio en historia de la educación profesional. Historia de las instituciones educativas, cultura escolar, currículo y organización escolar, arquitectura y cultura material escolar y sociabilidades se constituyeron como temas posibles de investigación a partir del Portal de la Memoria del IFRN. En esos términos, destacamos que las fuentes presentes en el Portal de la Memoria no hablan per se, pero que esas traen al Portal la posibilidad de acceso a las dimensiones de la historia y de la memoria de la educación institucional. Por eso, el Portal de la Memoria en su dimensión de la cibercultura es un portal para la memoria institucional del IFRN.

PALABRAS CLAVE

cibercultura. Memoria. Historia de la educación.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O desenvolvimento tecnológico, verificado no final do século XX e no início do atual, tornou comuns, nas produções acadêmicas e nos discursos do cotidiano, termos como tecnologia da informação, mídia, ambiente virtual, ciberespaço, cibercultura, sociedade informática, tecnologias sociais, dentre tantos outros. Tão trivial tem sido os seus usos que, muitas vezes, quem o faz não se dá conta das tensões que circundam esses conceitos.

Um exemplo disso é a expressão “tecnologia da informação”, não tem uma definição consensual. Segundo Rocco (2009, p. 187-188), ela trata do “conjunto de todas as atividades e soluções providas por recursos de computação”, mas adverte que suas “aplicações são tantas e estão ligadas às mais diversas áreas, que existem várias definições e nenhuma consegue determiná-la por completo”.

Neste artigo, não pretendemos polemizar acerca de conceitos, embora não possamos abrir mão de usá-los quando for necessário. No entanto, ressaltamos a possibilidade (e, mesmo, a urgência) de incorporarmos os espaços da cibercultura e suas tecnologias na pesquisa histórica, mais especificamente, no campo da história da educação e das instituições escolares.

Destacamos, como exemplos disso, os acervos documentais disponíveis no Portal da Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), da Hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo (USP) e do Museu da Pessoa³.

Objetivamos neste artigo, analisar o Portal da Memória do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) como um lugar de memória institucional. Tomando o Portal da Memória do IFRN como possibilidade de problematização e pesquisa no campo da história da educação e, especificamente, as investigações sobre a história da Educação Profissional no Brasil, pois, como destaca Cunha (2005), as pesquisas nesse campo necessitam ser ampliadas.

Compreendemos esse Portal como um artefato no ciberespaço – para Lévy (1999, p. 17), “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores –, que não apenas “transmite” informações acerca do passado dessa instituição de Educação Profissional, pois serve-lhe de “guarda”, mas que também exerce o papel de fonte para pesquisas no campo da história.

Sobre os portais como artefatos no ciberespaço, assim se posicionam Osvald, Couto Júnior e Worcman (2014, p. 13):

Com a popularização dos processos comunicacionais mediados pelas tecnologias digitais, é necessário que as ciências humanas e sociais se aproximem da transformação nos modos de ser, registrar e guardar dos sujeitos, mediada por esses processos.

³ Para maiores informações acerca do Portal da Memória do IFRN consultar o site <http://centenario.ifrn.edu.br/>. Os acessos à Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e à Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo (USP) podem ser feitos pelos sites <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/> e <https://www.bbm.usp.br/node/1>, respectivamente. Também é relevante conhecer o Museu da Pessoa, <http://www.museudapessoa.net/pt>, no qual estão disponíveis 17 mil histórias de vida e 60 mil fotos e documentos.

Na condição de suporte da memória institucional, o Portal da Memória do IFRN insere-se no contexto da cibercultura, definida por Lévy (1999, p. 17) como: “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

A existência do Portal da Memória é fruto da popularização da *internet*, que interliga milhões de computadores e permite aos seus usuários “navegar” pelo mundo e ter acesso aos mais variados temas de interesse. Para Castells (2004, p. 15), “a internet é o tecido das nossas vidas”. Conforme esse autor, ela se compara em importância com a rede elétrica e o motor elétrico.

O número cada vez maior de usuários dessa tecnologia torna-se, para ele, um dado menor em face da influência que ela tem para a sociedade, pois se converteu no centro em que se estruturam as principais atividades socioeconômicas, políticas e culturais do planeta. Logo, considera: “a exclusão destas redes é uma das formas de exclusão mais grave que se pode sofrer na nossa economia e na nossa cultura” (CASTELLS, 2004, p. 17).

Por não excluir ou negar a existência da cibercultura, ou da cultura digital, é que, segundo Figueiredo (1997), vem se multiplicando, nos últimos anos, no Brasil e no exterior, o uso da informática na pesquisa historiográfica. Para esse autor, se inicialmente a informática serviu às necessidades da história quantitativa (dada à segurança e à agilidade no levantamento das séries e elaboração de gráficos, tabelas e estatísticas), hoje, ela permite mais que isso: o computador tornou o trabalho de construção e reconstrução do texto histórico muito mais ágil que antes, não apenas pela possibilidade de refazermos um parágrafo, por exemplo, mas principalmente devido à criação de bancos de dados on-line que disponibilizam ao pesquisador imagens e documentos digitalizados.

Figueiredo (1997, p. 421), porém, alerta para um debate que se anuncia com o uso do computador pelos historiadores: “Diante de sua generalização não é impossível deixar de fazer uso da informática, mas não é possível deixar de se preparar para debater as implicações metodológicas de suas aplicações”. Assim, produzimos, recebemos e consumimos informações continuamente, pois a rapidez com que essa tecnologia se desenvolveu permitiu mudanças antes inimagináveis, a saber:

A introdução de novas formas de organização e acesso aos dados e obras armazenadas, modificando as bibliotecas e os centros de documentação (principais locais de armazenamento de informação);

O aceleração na produção dos jornais, permitindo a formação instantânea de redes televisivas em escala mundial;

As facilidades nas comunicações em âmbito pessoal e institucional, por meio da criação de programas de processamento de texto, de formação de bancos de dados, de editoração eletrônica, bem como de tecnologias que permitem a transmissão de documentos, o envio de mensagens e arquivos, as consultas cada vez mais rápidas a computadores remotos.

Nesse cenário, a preocupação com a “guarda” da história e da memória vem emergindo como um dos traços mais importantes na cibercultura. Uma pesquisa breve na internet mostra-nos uma multiplicação de projetos, museus e portais sobre memórias locais, familiares, étnicas e institucionais. O som, a imagem e o texto permitem que a informação produzida possa ser reconhecida pelo grupo que deseja preservá-la na construção de sua identidade. É na defesa do que foi, do que é e daquilo que está sendo construído que esses espaços veem se tornando recorrentes na sociedade.

Dessa maneira, por ser a cibercultura “a cultura contemporânea estruturada pelo uso das tecnologias digitais em rede nas esferas do ciberespaço e das cidades”, essas esferas devem ser compreendidas como “campos legítimos de pesquisa e formação, atribuindo-lhes o status de redes educativas” (SANTOS, 2011, p. 4).

É na qualidade de “campo legítimo de pesquisa e formação”, como ressaltou a pesquisadora suapracitada, mais especificamente na história das instituições de ensino, que passamos a discutir o Portal da Memória do IFRN como repositório da memória institucional na medida que é espaço de “guarda” e acesso a fontes variadas, a partir das quais histórias e memórias podem ser tecidas.

2 O PORTAL DA MEMÓRIA DO IFRN: PORTAL À HISTÓRIA E À MEMÓRIA INSTITUCIONAL

O ano de 2009 foi festivo para os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IF) espalhados pelo Brasil, pelo menos para os que remontam às dezenove Escolas de Aprendizes Artífices, criadas em 23 de setembro de 1909 pelo Presidente da República Nilo Peçanha⁴.

Assim, em 2009, essas instituições de Educação Profissional completaram um século de existência, depois de passarem por várias denominações ao longo do século passado – demonizações que remetiam a liceus industriais, escolas industriais, escolas técnicas federais e centros federais de educação tecnológicas.

Naturalmente, o aniversário de um século não poderia passar “em brancas nuvens” e merecia uma celebração. Baseado nesse argumento, o IFRN, à época CEFET-RN, deu início, em 2006, a um projeto intitulado “A caminho do centenário”, cuja finalidade era apresentar às comunidades interna e externa a história de seus cem anos, destacando os principais acontecimentos que marcaram sua trajetória. Como parte desse projeto, foi criado o Portal da Memória, planejado para ser um museu virtual no qual os seus visitantes têm acesso a fontes que remetem a fatos que marcaram o funcionamento dessa instituição ao longo do século XX.

Concluídos os trabalhos da equipe responsável pelo projeto “A caminho do centenário”, o Portal da Memória ficou dividido em sete seções:

- I. Uma agenda com atividades ocorridas no mês de setembro de 2009 em comemoração ao centenário: eventos esportivos e culturais, encontro de ex-alunos, ato ecumênico, apresentações artísticas, sessão na câmara municipal de Natal, exposições técnicas e culturais nos *campi* Mossoró e Currais Novos;
- II. Uma cronologia com imagens fotográficas da instituição: fachadas dos prédios onde funcionou ao longo da sua história, solenidades, criação de cursos técnicos;
- III. Na seção denominada “atos e fatos” estão disponibilizadas decisões administrativas da gestão,

⁴ Pelo Decreto n. 7566, de 23 de setembro de 1909 foram criadas dezenove Escola de Aprendizes Artífices (EAA) para os filhos dos desfavorecidos da fortuna com vistas a criar força de trabalho e formar cidadãos úteis à Nação. As dezenove EAA criadas, em 1909, foram nas capitais dos Estados de Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Goiás, Mato Grosso e na cidade de Campos no Rio de Janeiro. (MEDEIROS NETA; NASCIMENTO; RODRIGUES, 2012).

construções de prédios, fotografias de eventos esportivos e da banda de música, além de outros registros de acontecimentos que marcaram a sua história;

IV. O quarto item é composto por depoimentos orais, gravados em entrevistas feitas com ex-diretores, professores aposentados e ex-alunos da instituição, alguns destes últimos hoje nela são servidores;

V. Na quinta seção encontramos depoimentos escritos por servidores atuais e aposentados e de ex-alunos, relatando fatos que marcaram as suas histórias de vida e que tem relação com essa instituição de educação profissional;

VI. No item ex-diretores, encontramos fotografias e dados biográficos de todos os diretores que passaram pela gestão do IFRN desde quando este era denominado Escola de Aprendizes Artífices de Natal;

VII. Na sétima e última parte, encontramos uma relação de eventos que ocorreram na instituição e que se relacionam com a festa do centenário, mas também que fazem de sua história do tempo presente.

Apesar do esforço institucional em “registrar” a sua memória, guardando-a para as gerações presentes e futuras, esse trabalho de arquivamento apresentou alguns problemas no que diz respeito à rigorosidade metodológica que deve assumir um pesquisador: recortes de jornais escaneados e com poucas condições de leitura, ausência de datas nas gravações dos relatos orais, fotografias sem data, sem legenda e sem autoria.

Todavia, consideramos que essas limitações não tiram desse Portal a capacidade de criar representações sobre o passado institucional nem também de mostrar como esse passado é recortado e construído pela comunidade acadêmica e pelo grupo gestor. Portanto, como o seu próprio nome diz, o Portal se encarrega de guardar, conservar, a memória institucional.

Se tomamos o Portal da Memória como objeto, um questionamento urge ser feito: o que é a memória? Há diversas nuances no que concerne ao entendimento de memória, pois, como afirma Le Goff (2003, p. 419), se compreendermos a memória apenas como propriedade de conservar informações, podemos entendê-la a princípio como “um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. No entanto, como demonstra esse autor ao longo de sua obra, considerar a memória apenas por esse parâmetro é simplificar e obscurecer o fato de que ela também está relacionada à vida social e é objeto de atenção dos grupos que detém o poder político.

Dessa maneira, por ser *seletiva* e *coletiva*, como destacam Halbwachs (2006) e Pollak (1989; 1992), dentre tantos outros pesquisadores desse tema, os estudos sobre a memória não devem jamais ficar restritos à Psicologia, à Neurofisiologia ou à Biologia, mas também atender aos objetivos das pesquisas nos campos da História, da Educação, da Sociologia e das Ciências Políticas, por exemplo.

Haja vista o alargamento do que podemos definir como memória e sobre os seus usos pela História – esta, para Le Goff (2003, p. 525) “a forma científica da memória” –, o historiador francês desenvolveu o conceito de *Documento/monumento*.

Le Goff (2008, p. 526) inicia a sua análise a partir das origens etimológicas dos termos monumento e documento. O primeiro vem do latim, *monumentum* e remete ao ato de fazer recordar, daí avisar, iluminar, instruir. Portanto, o monumento é um sinal do passado, um legado à memória coletiva, pois, por meio dele, voluntária ou involuntariamente, evoca-se o passado e perpetua-se a recordação das sociedades históricas.

Já o termo documento, derivado do latim *documentum* e este de *docere*, que expressa ensinar, evoluiu para o significado de *prova* e é amplamente usado no vocabulário legislativo. É com a escola positivista que se dá o triunfo do documento sobre o monumento: ao documento dá-se o fundamento do fato histórico, tornando-se uma prova histórica apresentada essencialmente como um testemunho escrito (LE GOFF, 2003, p. 527).

Logo, conforme Le Goff (2003, p. 535), “o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder”. Analisar o documento como um monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.

O historiador seleciona o documento, extrai-o do conjunto dos vestígios do passado, atribui-lhe um valor de testemunho que dependerá de um lugar social que ocupa, como afirma Certeau (2008). Com base nesse raciocínio, Le Goff (2003, p. 537-538) defende que o documento não é ineficaz, mas,

[...] o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou manipulado, ainda que pelo silêncio.

Pode-se concluir que o *documento é monumento*, pois ele é um resultado do esforço das sociedades históricas para impor um futuro, uma determinada imagem de si próprias, mesmo que isso se dê involuntariamente. Isso significa que não há um documento-verdade, pois, enfaticamente, Le Goff (2003, p. 538) afirma: “todo documento é mentira”; cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo, pois “é preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar essa construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos”.

No decorrer do século XX, a noção de documento se ampliou e se enriqueceu, culminando com a revolução documental, a partir da década de 1960. Assim, os interesses dos historiadores alteram-se quantitativa e qualitativamente. Para tanto, contribuiu o uso do computador como uma importante ferramenta para a organização de arquivos, bancos de dados, estatísticas, construção de séries, periodizações etc. (LE GOFF, 2003).

No entanto, alertamos para o fato de que as fontes e as versões que elas suscitam nunca são completas e definitivas, mas sempre construídas e reconstruídas a cada época, carregando as marcas das temporalidades. “O documento histórico é um texto no meio do caminho entre o arbítrio de um historiador (e de uma sociedade) e o seu próprio conteúdo” (KARNAL; TATSCH, 2009, p. 23).

Pelo exposto, compreendemos o Portal da Memória do IFRN como um documento/monumento. *Pari passu*, também o entendemos como um “lugar de memória”, conforme acepção de Pierre Nora (1993, p. 21-22):

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamen-

to, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre.

Portanto, os chamados “lugares de memória” se originam e vivem do sentimento de que não existe memória espontânea. Por conseguinte, “é preciso criar arquivos, é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais”, diz Nora (1993, p. 13). Para ele, caso vivêssemos as lembranças que esses lugares envolvem, eles seriam inúteis e, portanto, não seriam construídos.

Ciavatta (2012, p. 95) também faz alusão aos “lugares de memória”. De forma poética, a pesquisadora do campo da Educação Profissional reflete: “Queremos nos deter sobre esse rio do tempo que é a memória e o lugar que ocupa na escola, permitindo aflorar lembranças e formas de ser que constituem sua identidade”. Para ela, a escola:

Por ser um espaço ocupado pela infância e a juventude, cujo sentimento do passado é quase inexistente, a escola [...], parece ser um lugar de memória ainda mais esmaecido. No entanto, esse sentimento aflora com o passar do tempo e até a vivência com os colegas de infância e de juventude tornam-se, mais tarde, densos “lugares de memória”, contribuindo para a construção de uma identidade singular e, ao mesmo tempo, coletiva, como pertencimento a um tempo, a um grupo com as marcas desse tempo. (CIAVATTA, 2012, p. 96)

É desse “retorno” às vivências que emerge a liturgia da escola. Conforme Boto (2014, p. 102): “Há uma maneira de ser escola, que se expressa mediante rituais, mobilizando sentimentos, experiências e símbolos. Há um script, uma coreografia, que a escola estrutura em seu dia a dia e com a qual apenas os que passam por ela se familiarizam”

Nesse sentido, o Portal da Memória do IFRN constitui-se como documento e monumento, bem como lugar de memória institucional. E, se considerarmos que o campo da história da educação no Brasil vem passando por uma ampliação em suas dimensões, suas abordagens e seus domínios, este Portal constitui-se como uma variável determinante para a produção de conhecimento em história da educação.

Nesta perspectiva, cartografamos o conjunto de fontes disponíveis no referido Portal e o associamos a temas em história da educação. Essa associação não considerou os tipos de fontes e sim temáticas e recorrências nas mais distintas fontes, independentemente de sua tipologia.

A delimitação das fontes e a relação com possíveis temas de estudo em história da Educação Profissional a partir do Portal da Memória concorreu para: história das instituições educativas, cultura escolar, currículo e organização escolar, arquitetura e cultura material escolar e sociabilidades. Esse é apenas um exercício possível, pois outros temas podem tomar corpo a partir do conjunto de fontes disponíveis no Portal, da relação que o historiador da educação estabeleça com elas, como também das perguntas que o historiador faça a esse arquivo virtual.

Por exemplo, o Portal da Memória e as fontes a ele associadas possibilitam pesquisas no campo da história das instituições educativas, considerando os seguintes enfoques: os processos de criação e o ciclo de vida de uma instituição educativa criada em 1909 com vistas a oferta do ensino de ofícios; a configuração e as mudanças ocorridas na arquitetura do prédio escolar; os processos de conservação e mudança do perfil dos docentes e dos alunos; as formas de configuração e transformação do saber veiculado nestas instituições de ensino, as concepções de educação profissional presentes nos discursos de gestores, servidores e ex-alunos, dentre outros.

Como um portal à memória, o Portal da Memória do IFRN abre possibilidades para investigações sobre a cultura escolar. Destacamos, para tanto, fontes imagéticas e orais que destacam o ensino de música na instituição em suas distintas temporalidades. Fosse o ensino do canto orfeônico com a professora Lourdes Guilherme, ex-aluna do músico Heitor Villa-Lobos, na Escola Industrial de Natal, nas décadas de 1940 até o início da década de 1960, ou as apresentações do Coral da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte, criado em 1975, que foi denominado Lourdes Guilherme.

O currículo e a organização escolar também se constituem como um recorte possível de investigação com o conjunto de fontes do Portal da Memória, seja a partir das fontes orais disponíveis no referido Portal ou pelas fontes escritas, mensagens e recortes de jornais.

Neste sentido, o Portal da Memória remete a inúmeros vestígios de arquitetura escolar e cultura material. São imagens e fragmentos de falas sobre os espaços escolares e a disciplina e a prática a eles associadas. O que nos faz ressaltar, assim como Viñao Frago e Escolano (1998, p. 45), que “[...] a arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta”.

Quanto às sociabilidades, destacamos que as exposições de final de ano, os desfiles cívicos, as aulas de educação física, os jogos escolares, as premiações dos melhores alunos de cada ano, as refeições de grau e as reuniões do Centro Litero-Esportivo Nilo Peçanha produziam sociabilidades de um sentido mais restrito, pois tinham uma prática organizada que formava e inculcava uma cultura de escola e um ideal de formação humana concernente com uma instituição de ensino profissional. Índícios dessas sociabilidades podem ser pesquisados na seção Eventos, em itens como festas de ex-alunos e preparação para o Centenário.

Dessa maneira, as fontes presentes no Portal da Memória não falam *per se*, mas essas fazem do Portal um documento/monumento ou, uma possibilidade de acesso às dimensões da história e da memória da educação. As fontes são vestígios, testemunhos que respondem – como podem e por um número limitado de fatos – às perguntas que lhes são apresentadas. A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica (RAGAZZINI, 2001, p. 14).

Isto posto, compreendemos que as seções do Portal da Memória disponíveis à análise são fontes para a história da Educação Profissional e que cabe ao historiador a tarefa de construir interpretações do passado a partir dos resíduos remanescentes mediante diferentes abordagens no uso desse acervo disponível *on line*.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conformidade com Bastos e Jacques (2014, p. 51), “Toda escola tem histórias e toda história está cercada de memórias”, por isso, “São lugares de memória e de rememoração que buscam evitar o esquecimento, através da construção de laços de identidade”. Logo, no campo da História da Educação, e, mais específico, na história das instituições escolares, há um grande empenho na organização de espaços museológicos para preservar o patrimônio histórico-educativo. Na era da cibercultura, um dos meios usados para essa guarda da memória tem sido os acervos digitais. O Portal da Memória do IFRN é um exemplo disso.

Entretanto, o Portal da Memória do IFRN não é apenas um “depósito” de informações sobre o passado dessa instituição. Ele é documento, monumento e lugar de memória institucional e, na dimensão da cibercultura, remete diversas possibilidades de pesquisas com história da educação, sobretudo no domínio da história da Educação Profissional, uma vez que esta passa por um alargamento quanto aos seus objetos, temas e problemas de pesquisa.

Realçamos, com isso, o Portal da Memória do IFRN como um conjunto de fontes passíveis de análise e a partir das quais a operação historiográfica pode ser produzida. A própria construção desse Portal se deu pela relação de permissão e interdição, morte e vida de fontes que deveriam compor os cem anos de história de uma instituição escolar de educação profissional no Rio Grande do Norte.

Assim, o Portal da Memória é uma construção com interesses e finalidades específicas, mas que, pelo suporte digital, permite itinerários diversos à construção da história e da memória dessa instituição de ensino com mais de um século de existência.

REFERÊNCIAS

BASTOS, M. H. C.; JACQUES, A. R. Liturgia da memória escolar - Memorial do Deutscher Hilfsverein ao Colégio Farroupilha (2002). **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 49-76, jan.-jun. 2014.

BOTO, C. A liturgia da escola moderna: saberes, valores, atitudes e exemplos. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 18, n. 44, p. 99-127, set.-dez. 2014.

CASTELLS, M. **A galáxia internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

CIAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e identidade. *In*: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M., RAMOS, M. (Org.). **Ensino médio integrado**: concepções e contradições. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 83-106.

- COSTA, R. **A cultura digital**. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2008.
- CUNHA, L. A. **O ensino de ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil**. 2. ed. São Paulo: UNESP; Brasília: FLACSO, 2005.
- FIGUEIREDO, L. R. História e informática: o uso do computador. *In*: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Org.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campos, 1997. p. 419-439.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- KARNAL, L.; TATSCH, F. G. A memória evanescente. *In*: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-27.
- LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2003.
- LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MEDEIROS NETA, O. M. de; NASCIMENTO, J. M. do; RODRIGUES, A. G. F. Uma escola para aprendizes artífices e o ensino profissional primário gratuito, **Holos**, Natal, v. 28, n. 2, p. 96-104, 2012.
- NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**. São Paulo: EDUC, n. 10, dez. 1993. p. 7-28.
- OSVALD, M. L. M. B.; COSTA JÚNIOR, D. R.; WORCMAN, K. Potencialidades e desafios das escritas de si na internet. *In*: OSVALD, M. L. M. B.; COSTA JÚNIOR, D. R.; WORCMAN, K. (Org.). **Narrativas digitais, memórias e guarda**. Curitiba: CRV, 2014. p. 13-23.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- PORTAL da Memória. Disponível em: <http://centenario.ifrn.edu.br/>. Acesso em: 6 mar. 2017.
- RAGAZZINI, D. Para quem e o que testemunham as fontes da História da Educação? **Educar em Revista**, Curitiba, n. 18, p. 13-28, 2001.

ROCCO, A. Tecnologia da informação. In: MARCONDES FILHO, C. (Org.) **Dicionário da comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009. p. 187-188.

SANTOS, E. Cibercultura: o que muda na educação. **Salto para o futuro**. TV Brasil. Disponível em: <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/212448/cibercultura.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2017.

VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, A. **Currículo, espaço e subjetividade**: a arquitetura como programa. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

Recebido em: 30 de Maio de 2017

Avaliado em: 19 de Janeiro de 2018

Aceito em: 19 de Janeiro de 2018



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

1 Doutor em Educação (UFRN); Graduado em História (UFPB); Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Mossoró e dos Programas de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (Mestrado Profissional em Rede) e Ensino (UERN/IFRN/IFRN). E-mail: chagas.souza@ifrn.edu.br.

2 Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Mestra em História; Graduada em História (Licenciatura e Bacharelado); Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e do Programa de Pós-Graduação em Educação (UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte; É sócia da ANPUH, da SBHE e da ANPED; Editora da Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica (ISSN 1983-0408); Tem experiência na área de História, com ênfase em história da educação, história e espaços, historiografia e ensino de história. E-mail: olivianeta@gmail.com



Este artigo é licenciado na modalidade acesso abertosob a Atribuição-Compartilha Igual CC BY-SA

